

NOVO BANCO DO DESENVOLVIMENTO E AS REDES DE INOVAÇÃO: OS BRICS AINDA PODEM SER OS TIJOLOS DE UMA NOVA ORDEM ECONÔMICA?

NEW BANK OF DEVELOPMENT AND INNOVATION NETWORKS: THE BRICS MAY STILL BE THE BRICKS OF A NEW ECONOMIC ORDER

RESUMO: A consolidação do bloco econômico BRICS alterou a participação do Brasil no mercado externo, outorgando-o uma posição de raro protagonismo internacional. Em função da forma de organização do bloco o Brasil não teve limitações em sua atuação externa em função de sua adesão ao BRICS, existindo vantagens comparativas na aproximação de seus novos parceiros, dois deles integrantes natos do Conselho de Segurança da ONU e de grande relevância no mercado mundial. Este bloco pode ainda desempenhar um papel importantíssimo no processo de internacionalização de empresas brasileiras, em especial se considerarmos a proposta de modelo de Uppsala, como se percebe pela formação de redes de inovação entre os Estados Membros. A consolidação do BRICS, a consequente aproximação dos países e a própria criação do Novo Banco de Desenvolvimento, acabam por somar-se a esta rede para reduzir a distância psíquica existente entre os países, diminuindo a sensação de risco e sendo um dos incentivadores para a expansão internacional de empresas entre os países-membros. O presente trabalho buscará realizar uma revisão bibliográfica que possa caracterizar a formação e evolução do BRICS, desenvolver uma tentativa de explicar a organização do bloco e explicitar o papel que o Novo Banco do Desenvolvimento e as Redes de Inovação pretendem assumir. Ponderando que a aproximação brasileira via BRICS não impede a negociação de acordos bilaterais, e oferece ainda a construção de redes de relacionamento que podem favorecer a ampliação da participação das empresas brasileiras nos mercados dos países-membros, nos resta torcer para que o pragmatismo comercial possa superar as convicções ideológicas do governo Bolsonaro, principalmente agora, que um brasileiro comandará o NBD, facilitando o acesso a crédito para realização de investimentos em obras que possam desenvolver a ainda incipiente infraestrutura brasileira.

PALAVRAS- CHAVES: Brasil; BRICS; Novo Banco do Desenvolvimento; Redes de Inovação

ABSTRACT: The consolidation of the BRICS economic bloc changed Brazil's participation in the foreign market, granting it a position of rare international protagonism. Due to the form of organization of the bloc, Brazil did not have limitations in its external action due to its adherence to the BRICS, with comparative advantages in the approximation of its new partners, two of them born members of the UN Security Council and of great relevance in the world market. This bloc can also play a very important role in the internationalization process of Brazilian companies, especially if we consider the Uppsala model proposal, as can be seen from the formation of innovation networks among the Member States. The consolidation of the BRICS, the consequent approximation of the countries and the creation of the New Development Bank, end up adding to this network to reduce the psychic distance existing between the countries, reducing the feeling of risk and being one of the incentives for the international expansion of companies between member countries. The present work will seek to carry out a bibliographic review that can characterize the formation and evolution of the BRICS, develop an attempt to explain the organization of the bloc and explain the role that the New Development Bank and the Innovation Networks intend to assume. Considering that the Brazilian approximation via BRICS does not prevent the negotiation of bilateral agreements, and also offers the construction of relationship networks that can favor the expansion of the participation of Brazilian companies in the markets of the member countries, we can only hope that commercial pragmatism can overcome the ideological convictions of the Bolsonaro government, especially now that a Brazilian will command the NBD, facilitating access to credit for investments in works that can develop the still incipient Brazilian infrastructure.

KEYWORDS: Brazil; BRICS; New Development Bank; Innovation Networks

1. INTRODUÇÃO

A consolidação do bloco econômico BRICS alterou a participação do Brasil no mercado externo, com o fortalecimento das relações negociais e a possibilidade de cooperação tecnológica entre os países-membros, outorgando-o uma posição de raro protagonismo internacional. Como bem falou o então ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim, em texto publicado no New York Times “há novas crianças no playground”¹⁴⁰ e “suas vozes precisam ser ouvidas”¹⁴¹.

A agenda proposta por seus integrantes busca reivindicar “um lugar à mesa” junto aos fóruns internacionais e às potências ocidentais, para obter mais voz e participação nas instituições já existentes sem uma postura de confrontação¹⁴², caracterizando-se como uma tentativa de potências do Sul de ocupar um lugar apropriado à sua dimensão econômica nas instâncias de concerto global¹⁴³, além disso, os BRICS destacam-se também pela força individual crescente dos seus membros, e pelo caráter original e de perspectivas inovadoras de interação entre Estados, viabilizando ao Brasil um papel e espaço na comunidade internacional¹⁴⁴.

Com a crise global iniciada em 2008 a discussão sobre o papel do BRICS ganha relevância, visto que a China e os demais países ditos emergentes estavam ocupando um espaço antes cativo dos EUA e da Europa, demonstrando uma possibilidade de deslocamento do eixo econômico¹⁴⁵, que acabou, pelo menos momentaneamente, não se confirmando, em que pese a inegável importância do Brasil, Índia e China para a governança global nas próximas décadas¹⁴⁶.

Porém, quando comparado com duas críticas recorrentes do processo de integração com o MERCOSUL, a saber: 1. Impossibilidade de firmar acordos bilaterais, amarrando as negociações brasileiras aos interesses dos demais países do bloco, e 2. Disparidade entre a importância econômica e política do Brasil frente aos demais parceiros: Argentina, Uruguai, Paraguai e a suspensa Venezuela percebe-se um avanço¹⁴⁷.

140 AMORIM, C. Let's Hear From the New Kids on the Block. **New York Times**. 14 jun. 2010.

141 Ibid.

142 BOND, P.; GARCIA, A. Introduction, in Bond. In. GARCIA, A. (eds.). **BRICS, an anti-capitalist critique**. Johannesburg: Jacana Media. 322p. 2015. [livro eletrônico].

143 PRASHAD, V. Neoliberalism with Southern Characteristics. **The rise of the BRICS**. Rosa Luxemburg Foundation: New York Office. Mai. 2013.

144 CASSELA, P. B. **BRIC: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul: Uma Perspectiva de Cooperação Internacional**. São Paulo: Atlas. 2011.

145 GARCIA, A. E. S. **BRICS: um balanço crítico**. Cadernos do CEAS, Salvador/Recife, n. 241. pp. 374-391. 2017.

146 MILANI, C. R. S.; PINHEIRO, L.; LIMA, M. R. S. “Brazil's foreign policy and the 'graduation dilemma'.” *International Affairs* 93, no. 3, 2017. pp. 585-605?

147 LAFER, C. **Descaminhos do Mercosul: a suspensão da participação do Paraguai e a incorporação da Venezuela: uma avaliação crítica da posição brasileira**. Política Externa, São Paulo, v.21, n.3. 203. MARTINS E. M. O. *Direito Comunitário:*

Em função da forma de organização do bloco o Brasil não teve limitações em sua atuação externa em função de sua adesão ao BRICS, existindo vantagens comparativas na aproximação de seus novos parceiros, dois deles integrantes natos do Conselho de Segurança da ONU¹⁴⁸ e de grande relevância no mercado mundial¹⁴⁹, mesmo após o acordo entre o Brasil e a China que limitou as ações *antidumping* no quadro da OMC, fazendo as exportações do Brasil para China crescerem em ritmo mais tímido que o crescimento das importações¹⁵⁰.

Este bloco pode ainda desempenhar um papel importantíssimo no processo de internacionalização de empresas brasileiras, em especial se considerarmos a proposta de modelo de Uppsala¹⁵¹, como se percebe pela formação de redes de inovação entre os Estados Membros. A consolidação do BRICS, a conseqüente aproximação dos países e a própria criação do Novo Banco de Desenvolvimento, acabam por somar-se a esta rede para reduzir a distância psíquica¹⁵² existente entre os países, diminuindo a sensação de risco e sendo um dos incentivadores para a expansão internacional de empresas entre os países-membros afinal, a maior distância psíquica é um dos entraves de entrada em mercados externos conforme o modelo inicial de Uppsala¹⁵³, aproveitando-se de uma relação única no relacionamento intrabloco.

Brasil é o único país que tem uma relação político-diplomático e econômico-comercial fluida com todos os membros do BRIC. Razões históricas ainda tornam cautelosa a aproximação entre a Rússia, a China e a Índia. A construção de um clima de confiança entre eles é um processo demorado, que será testado de tempos em tempos. A participação em um mesmo grupo pode ajudar a alterar gradualmente essa situação¹⁵⁴.

União Europeia e Mercosul. **Revista Jurídica Virtual**. Vol. 5, N. 57. 2004. MERCOSUL (2011). Tratado de Assunção. In: MERCOSUL. **Legislação e textos básicos**. 5a. ed. Brasília: Senado Federal. Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 656 p.

148 Em que pese a China e a Rússia abertamente não apoiar a reivindicação do Brasil a uma vaga no Conselho de Segurança das Nações Unidas. CERVO, A. L.; LESSA, A. C. **O declínio: inserção internacional do Brasil (2011-2014)**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 57, n. 2, 2014. pp. 133-151. VIGEVANI, Tullo; CEPALUNI, Gabriel. **A política externa de Lula da Silva: a estratégia da autonomia pela diversificação**. Contexto internacional. 29(2): 273-335. 2007.

149 BRASIL. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada. **Relações comerciais e de investimentos do Brasil com os demais países do BRICS**. Comunicado do IPEA, nº 86. 50 p. abr. 2011. LINS E SILVA, C. E. BRICS: De acrônimo esperto a fórum influente. In: BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **O Brasil, os BRICS e a agenda internacional**. Brasília: FUNAG. pp. 101-106. 2012.

150 VIGEVANI, Tullo; CEPALUNI, Gabriel. **A política externa de Lula da Silva: a estratégia da autonomia pela diversificação**. Contexto internacional. 29(2): 273-335. 2007.

151 JOHANSOS, J.; VAHLNE, J. E. **The internalization processo of the firm: a modelo of knowledge development and increasing foreign Market commitment**. Journal of International Business Studies. V. 8, 1977. pp. 23-32. Id. **The Uppsala internationalization process model revisited**. Journal of International Business Studies. V. 40, 2009. pp. 1411-1431.

152 O termo “distância psíquica” (psychic distance) é definida como a existência de um fator comportamental, associado à forma pela qual as relações entre fornecedores e compradores no comércio internacional são estabelecidas e mantidas. BECKERMAN, W. **Distance and the pattern of intra-European trade**. The Review of Economics and Statistics. v. 28, n. 1, 1956. pp. 31-40.

153 JOHANSOS, J.; VAHLNE, J. E. **The internalization processo of the firm: a modelo of knowledge development and increasing foreign Market commitment**. Journal of International Business Studies. V. 8, 1977. pp. 23-32.

154 BARBOSA, R. A cúpula do BRIC. **Revista de Política Externa**, vol. 18 n. 2. 2009. P. 100.

Dessa forma o presente buscará realizar uma revisão bibliográfica que possa caracterizar a formação e evolução do BRICS, desenvolver uma tentativa de explicar a organização do bloco e explicitar o papel que o Novo Banco do Desenvolvimento e as Redes de Inovação pretendem assumir.

2. FORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO BLOCO

O acrônimo BRICS (originalmente com s minúsculo) foi idealizada por Jim O'Neill¹⁵⁵ em um estudo da Goldman Sachs, popularizado em 2003, no artigo n. 99 da mesma série, com o título *Dreaming With BRICS: The Path to 2050*¹⁵⁶, referindo-se ao conjunto dos quatro maiores países emergentes- Brasil, Rússia, Índia e China – que apresentavam uma demografia positiva e estavam realizando transformações estruturais significativas e deveriam representar em 2050, segundo dados do estudo, uma fatia maior da economia mundial do que os atuais países ricos¹⁵⁷.

A evidência desse fenômeno é o crescimento da demanda global, que se concentrou no BRICS nos últimos anos, sobretudo durante e depois da crise internacional. No período 2008-2009 o grupo foi responsável por dois terços do crescimento da demanda global, com a expectativa de que sigam contribuindo de forma majoritária para os próximos 10 anos, consolidando o entendimento de que não é possível pensar em uma governança financeira e econômica sem a presença destes países¹⁵⁸. A China representa a locomotiva não apenas para o crescimento global, mas também para os demais países do BRICS, conforme se percebe no trecho abaixo destacado:

A respeito do comércio intra-BRICS, verificou-se, a partir dos dados de uma pesquisa, que os fluxos comerciais entre os países-membros são muito reduzidos, com exceção daqueles realizados com a China. Isso parece resultar, por um lado, da concentração das relações comerciais de cada país com países e/ou regiões de sua esfera de preponderância econômica e, por outro lado, do não favorecimento resultante das estruturas das pautas de exportação e importação de cada um deles¹⁵⁹.

155 O'NEILL, J. Building better global economic BRICS. **Global Economics Paper**, Nova York, nº 66, nov. 2001. pp. 1-16.

156 WILSON, D. Dreaming With BRICS: The Path to 2050. **Global Economics Paper**, Nova York, nº 99, 2003. pp. 1-25.

157 FLORES JR. R. G. BRICS: Abordagens a um processo dinâmico. In: BAUMANN, Renato [et al.] **Brics: Estudos e documentos**. Brasília: Funag, 2015. pp. 139-152.

158 RAMOS, L.; PARREIRAS, P. H. S. A V cúpula do BRICS (Durban, 2013): coalizão ou arranjo cooperativo? **Conjuntura Austral**, Porto Alegre, RS, v. 4, n. 20, nov. 2013. pp. 115-127.

159 POMERANZ, Lenina. O Brasil, os BRICS e a agenda internacional. In: BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **O Brasil, os BRICS e a agenda internacional**. Brasília: FUNAG, 2012. p.117.

A sigla BRIC ainda faz um trocadilho com *Brick*, remetendo foneticamente a palavra tijolo em inglês, numa alusão a construção de uma nova arquitetura mundial. No entender de Jim O’Neill¹⁶⁰, dois componentes identificavam e aproximavam os BRICs: dimensão da economia e taxas de crescimento, expressando um deslocamento fundamental da dinâmica de acumulação global para países antes considerados secundários (ou do antigo “segundo mundo” socialista) às decisões transacionais de investimento¹⁶¹.

A sigla surgiu da intenção da Goldman Sachs, uma casa bancária, de despertar o interesse de seus clientes. Criar o acrônimo era uma solução rápida e eficaz para lembrar onde estariam, em médio e longo prazos, boas oportunidades¹⁶², conforme pode ser percebido pela inteligência da lição abaixo transcrita:

Era para ser uma definição de carteira de investimentos. Era para ser um instrumento de marketing financeiro em um ambiente de instrumentos financeiros crescentemente mirabolantes. Era para ser um chamariz para investidores em busca de risco. Ainda assim, como a semente que cai em chão fértil, o acrônimo BRIC germinou e lançou rapidamente seus ramos para além do mundo das finanças. Antes mesmo que os países integrantes do BRIC decidissem realizar reuniões de cúpula anuais, já fervilhavam discussões entre os analistas sobre se tal ou qual país era mesmo um membro do BRIC em comparação com os outros, se possuíam uma identidade mínima comum, que papel lhes caberia na evolução da ordem internacional¹⁶³.

2.1. INCLUSÃO DA ÁFRICA DO SUL

Após convite dos integrantes do grupo, em especial da China, a África do Sul foi admitida como uma nação do BRICs em 24 de dezembro de 2010 na Reunião de Chanceleres do foro, mas o ingresso oficial somente se deu na Terceira Cúpula do BRICs, realizada em Sanya, na China, em 14 de abril de 2011. A letra "S" em BRICS, após essa inclusão gravada em maiúscula, representa a África do Sul, em sua grafia em inglês, *South Africa*¹⁶⁴.

O “pai” do BRICs, Jim O’Neill, já presidente da Goldman Sachs Asset Management, expressou surpresa com essa adesão ao “bloco” declarando que a África do Sul “*is nowhere near constituting a*

160 O’NEILL, J. Building better global economic BRICs. **Global Economics Paper**, Nova York, nº 66, nov. 2001. pp. 1-16.

161 BRASIL. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada. **Relações comerciais e de investimentos do Brasil com os demais países do BRICS**. Comunicado do IPEA, nº 86. abr. 2011. 50 p.

162 FONSECA JÚNIOR, G. BRICS: notas e questões. *In*: BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **O Brasil, os BRICS e a agenda internacional**. Brasília: FUNAG. pp.13-30. 2012.

163 COZENDEY, C. M. BRIC a BRICS em um mundo em transição. *In*: BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **O Brasil, os BRICS e a agenda internacional**. Brasília: FUNAG. 2012, p. 107.

164 SMITH, E. C. South Africa to be a BRIC. **Global Post**. 08 jan. 2011. Disponível em <https://theworld.org/stories/2011-01-08/south-africa-be-bric>. Acesso em 24 jun. 2022.

BRIC”¹⁶⁵, sugerindo ainda que a Nigéria, incluída em seu novo portfólio promocional¹⁶⁶, teria maiores condições para o ingresso, considerando os critérios utilizados para agrupar originalmente os quatro países em seu acrônimo¹⁶⁷.

Para o Brasil a entrada da África do Sul do bloco teve ainda como efeito colateral o enfraquecimento do IBAS (Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul) em função de uma sobreposição de agendas. Esta suspeita foi intensificada com o cancelamento da cúpula do IBAS de 2013, atribuído por alguns à ausência da necessidade de duas cúpulas com os mesmos países (BRICS e IBAS), mas não houve nenhum anúncio oficial apontando para o fim do fórum¹⁶⁸.

Analisar a inclusão da África do Sul com os mesmos critérios utilizados para identificar os países no grupo BRIC, dimensão da economia e taxas de crescimento, não é suficiente, sendo que nessa análise a Nigéria realmente constitui-se em uma porta de acesso mais lógica para o mercado africano. Inegavelmente a África do Sul não possui atributos econômicos similares aos dos demais países do BRIC, mas pesou a experiência democrática (para padrões africanos e, por que não, russos e chineses) e a lembrança histórica da vitória sobre o *Apartheid*. Pfizer¹⁶⁹ trabalha de forma clara a opção pela África do Sul no texto colacionado abaixo:

A República da África do Sul, ao juntar-se aos BRICS, a partir de 2010, dota-lhes da representatividade emanada de um país que provém de um continente de um bilhão de pessoas em franca expansão de seus mercados domésticos e de sua capacidade de extração de recursos naturais. Traz à baila ainda o êxito de um experimento político que logrou desenhar um pacto social no qual pobres e ricos das mais variadas etnias compartilham um espaço de oportunidades para a prosperidade e a paz individuais. Assim, a adição sul-africana contraria o elemento seminal dos BRICS, qual seja, a pujança econômica do país-membro; sua contribuição dá-se, sim, pelo elemento político democrático ao fornecer um exemplo, mesmo que incompleto e imperfeito, de saída virtuosa de uma crise social complexa – exatamente a fórmula que se busca hoje no e para o mundo¹⁷⁰.

A entrada da África do Sul no grupo provocou discussões sobre quem mais poderia aderir ao bloco com o tempo, aumentando o seu capital político, apesar de alguns autores proporem a retirada

165 SPECTOR, J. B. O’Neill: South Africa’s inclusion in BRICS smacks of politics. **Daily Maverick**. 04 out. 2011. Disponível em www.dailymaverick.co.za/article/2011-10-04-oneil-south-africas-inclusion-in-brics-smacks-of-politics/. Acesso em 25 jun. 2022.

166 N11 (*Next Eleven*) Coréia do Sul, Indonésia, Irã, México, Turquia, Filipinas, Egito, Nigéria, Paquistão, Vietnã e Bangladesh. O’NEILL, J. **O mapa do crescimento**: oportunidades econômicas nos BRICS e além deles. São Paulo: Globo. 256 p. 2012.

167 Ibid.

168 SILVA, A. L. R.; SPOHR, A. P.; SILVEIRA, I. L. **From Bandung to Brasília**: IBSA and the political lineage of South–South cooperation, *South African Journal of International Affairs*, 232, 2016. pp. 167-184.

169 PFEIZER, A. O Brasil, os BRICS e a agenda internacional. In: BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **O Brasil, os BRICS e a agenda internacional**. Brasília: FUNAG. pp.79-86. 2012.

170 Ibid. p. 80.

de integrantes do grupo, em especial a Rússia¹⁷¹. O ingresso da Turquia, a quem a alternativa de ingresso na União Europeia parece definitivamente fechada e que, a exemplo dos demais integrantes do BRICS, tem ostensivamente se esforçado para transcender sua posição de potência regional. Coreia do Sul, Indonésia e México são considerados outros possíveis “candidatos”¹⁷². Até uma aproximação com a Grécia, por intermédio do recente Banco de Investimentos do BRICS foi aventada¹⁷³. Na lição de Barbosa¹⁷⁴, a ampliação do número de países-membros deveria ser combatida pelo Brasil, pois isso diluiria o peso do grupo e o seu próprio papel no bloco.

Os cinco integrantes provêm de diferentes quadrantes, todos integrando o G20, e juntos, ocupam 26,46% da área total do planeta e por 42,58% da população mundial. Somados, detêm 13,24% do poder de voto, no Banco Mundial, 14,91%, no Fundo Monetário Internacional e 22,53% do Produto Interno Bruto (PIB) nominal mundial¹⁷⁵. Em 2011, no momento da formalização do ingresso da África do Sul ao bloco os cinco países integravam o Conselho de Segurança da ONU, com China e Rússia na condição de membros permanentes, com direito a utilizar o poder de veto nas proposições¹⁷⁶.

2.2. ORGANIZAÇÃO DO BLOCO

O BRICS não é hoje um bloco político-econômico como o MERCOSUL ou a União Europeia, tampouco militar como a OTAN ou o extinto Pacto de Varsóvia. Não se constitui em zona de preferência tarifária, zona de livre comércio, não tem união econômica, monetária ou aduaneira e sua cooperação desenvolve-se por relações bilaterais do que multilaterais, ainda que permeados por mecanismos diplomáticos de concertação mais institucionalizados, como o Fórum Índia, Brasil e África do Sul (IBAS)¹⁷⁷.

171 ASLUND, A. **Take the R out of BRIC**. Foreign Policy. Peterson Institute for International Economics. 2009. Disponível em <https://www.piie.com/commentary/op-eds/take-r-out-bric>. Acesso em 26 jun. 2022.

172 LINS E SILVA, C. E. BRICS: De acrônimo esperto a fórum influente. *In*: BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **O Brasil, os BRICS e a agenda internacional**. Brasília: FUNAG. pp. 101-106. 2012.

173 LITSAS, S. N. **The Greek Crisis of 2015: A European Drama and an American Deus Ex Machina**. US Foreign Policy in the Eastern Mediterranean. Springer, 2020. pp. 155-180.

174 BARBOSA, R. **Interesse nacional e visão de futuro**. São Paulo: SESI-SP. 328 p. 2012.

175 BRASIL. **Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Ministros de CT&I dos BRICS lançam nova rede de inovação para parques tecnológicos**. Brasília. 2019. Disponível em <https://www.gov.br/mcti/pt-br>. Acesso em 24 jun. 2022. CAMINO, M. E. M. B; MENCK, J. T. M. **Da agenda normativa entre o Brasil e os demais países integrantes das plataformas de cooperação IBAS e BRICS (1988-2018)**. Brasília: Câmara dos Deputados. Consultoria Legislativa. Dez. 2018. 142 p.

176 RAMOS, L.; PARREIRAS, P. H. S. A V cúpula do BRICS (Durban, 2013): coalizão ou arranjo cooperativo?. **Conjuntura Austral**, Porto Alegre, RS, v. 4, n. 20, nov. 2013. pp. 115-127.

177 PEREIRA, A. D. **As relações Brasil-África: do nexu escravista à construção de parcerias estratégicas**. Porto Alegre: Revista Brasileira de Estudos Africanos, v. 5, n. 9, Jan./Jun. 2020. pp. 11-32.

Para o Brasil ocorreu ainda, por uma particularidade não repetida na maioria dos parceiros comerciais, uma possibilidade de ampliação comercial pelo fato de o Ministro do Exterior ser também o responsável pelas negociações comerciais no âmbito da OMC (Organização Mundial do Comércio)¹⁷⁸.

Frente ao estágio ainda inicial de organização do grupo hoje é mais fácil definir o grupo citando suas diferenças com outros blocos que o caracterizando, afinal se trata de cooperação entre países sem proximidade geográfica ou cultural, com *status* apenas de bloco semi-institucionalizado. Ou ainda, baseando no conceito de “grupo de interesse” inclui “atividades informais desenvolvidas por vários grupos da sociedade” sendo responsáveis “por qualquer forma da vida social”, enquanto blocos seriam estruturas políticas “pelas quais Estados diferentes, normalmente próximos geograficamente ou afins culturalmente, associam-se de fato para enfrentar um inimigo comum”, por meio econômico ou militar, prescindindo de acordos formais¹⁷⁹.

Assim, o que era no início apenas um acrônimo transformou-se “em um quadro diplomático para a criação de um bloco de quatro países emergentes, aparentemente dotados de vocação, sobretudo econômica, para propor alternativas ao mundo supostamente conservador do atual G7.”¹⁸⁰. Sua formalização somente ocorreu com a assinatura do Convênio Constitutivo na cúpula do BRICS em Fortaleza, em julho de 2014¹⁸¹.

A respeito da evolução para bloco econômico, o Embaixador Rubens Barbosa¹⁸² descreve a opinião de Clóvis Rossi, de que nada indica que esses países passem a ter interesses comuns a ponto de criar um bloco. Não haveria outra cola entre eles que não sejam territórios e populações gigantescas, fatores preexistentes à sigla BRIC.

A impossibilidade aparente de concordância entre os membros do BRICS sobre temas vitais ao mesmo tempo, fragiliza e fortalece o bloco¹⁸³. O então presidente russo Medvedev, em 2009, afirmou que “O BRIC apresenta um formato muito interessante para debater temas globais, mas não é uma plataforma para tomada de decisões”¹⁸⁴.

178 AMORIM, C. **Teerã, Ramalá e Doha**: memórias da política externa ativa e altiva. São Paulo: Benvirá. 2015. [livro eletrônico].

179 BOBBIO, N. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília: Editora UnB. 1998, pp. 113-115.

180 ALMEIDA, P. R. O BRIC e a substituição de hegemonias. In: BAUMANN, R. (org.) **O Brasil e os Demais BRICS**: Comércio e Política. Brasília, CEPAL. 2010, p. 132.

181 BATISTA JÚNIOR, P. N. BRICS: Novo Banco de Desenvolvimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 88, dez. 2016. pp. 179-184.

182 BARBOSA, R. **Interesse nacional e visão de futuro**. São Paulo: SESI-SP. 2012, p. 182.

183 LINS E SILVA, C. E. BRICS: De acrônimo esperto a fórum influente. In: BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **O Brasil, os BRICS e a agenda internacional**. Brasília: FUNAG. pp. 101-106. 2012.

184 BARBOSA, R. A cúpula do BRIC. **Revista de Política Externa**, vol. 18 n. 2. 2009. P. 100.

Logo, o BRICS realmente não forma uma aliança, pois “ostenta agendas internacionais bastante diferentes entre si, não sendo possível visualizar interesses comuns, a não ser o já alegado ‘interesse’ (...) em contestar o poder das velhas potências do G7 para melhor assentar o seu próprio poder”¹⁸⁵.

O conceito abaixo, apesar de conter mais informações sobre o que o BRICS ainda não se constitui, é bastante claro sobre seu estágio atual de organização.

Os BRICS constituem, hoje, uma associação informal e estão longe de constituir um organismo multilateral (minilateral, para ser mais preciso). Não têm secretariado nem produzem *binding decisions*, mas têm um tipo de presença internacional que se bifurca à maneira de organismo multilateral¹⁸⁶.

Natural essa indefinição quanto a organização do grupo, afinal este se originou de forma artificial, por obra do *marketing* financeiro da Goldman Sachs.

Grupos ou organizações, em geral, são formados por Estados, a partir de interesses comuns, laços históricos, culturais ou geográficos. No caso do BRIC, a iniciativa conceitual partiu de um economista do Goldman Sachs, que, em 2001, produziu um trabalho, pensando no grande mercado que eles poderiam representar para seus clientes no futuro¹⁸⁷.

Os objetivos dos países integrantes dos blocos são tão ímpares quanto suas peculiaridades. Cukier¹⁸⁸ abordou essas divergências entre os objetivos dos países-membros no trecho colacionado abaixo:

O bloco serve muito mais os interesses particulares de cada país do que uma verdadeira coalizão de emergentes aonde os interesses coletivos são evidentes e comuns. A maioria das áreas de convergência recai sobre a vontade de contrapor a Europa e os EUA. Talvez um dos poucos beneficiários dessa convergência seja a África. Todos os países têm laços comerciais fortes com o continente e até mesmo a Rússia (o menos presente) tem aumentado seus investimentos em energia na região¹⁸⁹.

Apesar das frequentes reuniões de Cúpula, com a definição de calendário anual de reuniões, pode se afirmar que o BRICS avançou pouco institucionalmente, mantendo-se muito mais como um acrônimo comercial do que um bloco institucional, sendo ainda visto com desdém por intelectuais

185 ALMEIDA, P. R. O BRIC e a substituição de hegemonias. In: BAUMANN, R. (org.) **O Brasil e os Demais BRICS: Comércio e Política**. Brasília, CEPAL. 2010, p. 149.

186 FONSECA JÚNIOR, G. BRICS: notas e questões. In: BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **O Brasil, os BRICS e a agenda internacional**. Brasília: FUNAG. 2012. p. 17.

187 BARBOSA, R. **Interesse nacional e visão de futuro**. São Paulo: SESI-SP. 2012, p. 176.

188 CUKIER, H. O. Para que servem os BRICS? **Revista Exame**: Coluna Risco Político Global. 16 jul. 2014.

189 Ibid.

dos Estados Unidos, da União Europeia e por estrategistas da OTAN¹⁹⁰. Em que pese suas divergências em seus desafios internos e no entorno geopolítico os integrantes convergem no global: “reforçar ordenamentos multilaterais com apoio de coalizões que opem ao mundo unipolar; substituir a força militar pelo *soft power* da diplomacia”¹⁹¹.

O governo brasileiro entende que esta é a melhor estratégia negocial em oposição a de criação de uma área de livre-comércio entre tais países. Na visão brasileira, o mais adequado para os membros do BRICS é a adoção de uma estratégia baseada no aumento da compreensão mútua dos respectivos mercados, de modo a melhorar o mercado intrabloco¹⁹².

Com a ausência da institucionalização do bloco a aproximação comercial entre os países integrantes se dá principalmente através da formalização de acordos bilaterais, facilitados pelas frequentes reuniões e contatos entre as burocracias. Essa maior intimidade pode ser explorada em áreas de interesse brasileiro¹⁹³. Esses acordos se constituem em uma grande, se não a maior, oportunidade negocial da participação do Brasil com o BRICS, aproveitando para estabelecer negociações comerciais proveitosas, conforme pode se perceber no texto colacionado abaixo:

O papel dos BRICs no comércio mundial também está aumentando mais rápido que o comércio mundial como um todo. O comércio entre os BRICs acelerou sensivelmente, em especial, porque o Brasil e a Rússia fornecem boa parte das *commodities* necessárias à China e a Índia. Tal padrão sem dúvidas continuará nas próximas décadas, forçando ajustes na política de comércio exterior desses países¹⁹⁴.

Esta ausência de formalização não impediu a criação de bases para a consolidação de um pensamento comum entre os Estados membros na declaração conjunta da cúpula do BRIC de 2009, incluindo a primazia do Estado de Direito e da diplomacia multilateral, produzindo um ponto de vista comum e tornando o BRICS como uma nova força motriz para mudanças no âmbito global governança, levando à promoção da cooperação Sul-Sul¹⁹⁵.

190 Em que pese a estratégia de segurança internacional do BRICS leva a OTAN a repensar suas ações. CERVO, A. L.; LESSA, A. C. **O declínio: inserção internacional do Brasil (2011-2014)**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 57, n. 2, 2014. pp. 133-151.

191 CERVO, A. L.; LESSA, A. C. **O declínio: inserção internacional do Brasil (2011-2014)**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 57, n. 2, 2014. p. 148.

192 BECARD, D. R.; BARROS-PLATIAU, A. F.; OLIVEIRA, C. C. O Brasil, a China e a VI Cúpula do BRICS. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1. pp. 81-112. jun. 2015.

193 BARBOSA, R. **Interesse nacional e visão de futuro**. São Paulo: SESI-SP. 2012. **328 p.**

194 O'NEILL, J. **O mapa do crescimento: oportunidades econômicas nos BRICS e além deles**. São Paulo: Globo. 2012. p. 54.

195 DUGGAN, N.; AZALIA, J. C. L. **From Yekaterinburg to Brasilia: BRICS and the G20, road to nowhere?**. Rev. bras. polít. int., Brasília, v. 63, n. 1, e009, 2020.

Um conceito pouco utilizado pela literatura sobre BRICS talvez seja um dos mais adequados para descrevê-lo. Trata-se da ideia de rede. Uma rede é composta por um conjunto de unidades e uma regra que define se, e de que maneira, as unidades estão relacionadas. Partindo deste conceito, podemos conceituar o BRICS como uma rede política onde as unidades são potências regionais e o modo de relacionamento, é a ocorrência de encontros entre autoridades estatais, tanto cúpulas (presidenciais) como diversas reuniões interministeriais. Este funcionamento como rede percebe-se nas declarações de cúpula, onde desde Ecatimburgo (2009), as declarações terminam já fazendo menção ao próximo encontro entre as autoridades presidenciais¹⁹⁶.

2.3. NOVO BANCO DO DESENVOLVIMENTO (NBD)

A primeira discussão sobre a possibilidade de criação de um banco multilateral de desenvolvimento ocorreu durante a IV Cúpula do BRICS, ocorrida em Nova Délhi, em 2012, reforçado pela declaração final que reitera a importância da cooperação internacional, mas frisa a necessidade de uma reforma de organizações como o Banco Mundial e o FMI, buscando “fazê-las mais representativas e refletir o peso crescente do BRICS e outros países em desenvolvimento”¹⁹⁷. Joseph Stiglitz, ex-economista-chefe do Banco Mundial e Nobel de Economia, já sustentava há décadas a necessidade de criação de uma nova instituição financeira para impulsionar o crescimento dos países subdesenvolvidos¹⁹⁸.

Além de destacar objetivos anteriores do BRICS, tais como a democratização da governança global, principalmente das instituições financeiras, e a proposta para o fortalecimento e desenvolvimento dos países emergentes, o documento final da Cúpula, chamado Declaração de E-Thekwini, expressou em seu parágrafo nono a ideia de um banco de desenvolvimento próprio:

[...] instruímos os nossos Ministros das Finanças a analisar a factibilidade e a viabilidade de se criar um Novo Banco de Desenvolvimento para a mobilização de recursos para projetos de infraestrutura e de desenvolvimento sustentável nos BRICS e em outras economias emergentes e países em desenvolvimento, para complementar os esforços já existentes de instituições financeiras multilaterais e regionais para o crescimento global e o

196 RAEL, R. C. **Existe convergência no BRICS a respeito da reforma da ordem internacional?**. Revista Tempo Do Mundo, (22), 2020. pp. 217-238.

197 BRICS. **Fifth BRICS Summit: Declaração de E-Thekwini**. Durban, South Africa. 27 mar. 2013. Disponível em: <http://www.brics-info.org/fifth-brics-summit/>. Acesso em 23 jun. 2022. JESUS, D. S. V. De Nova Iorque a Nova Délhi: Informalidade, Flexibilidade e Independência no BRICS. In: NOGUEIRA, J. P. (org.). **Os BRICS e as Transformações na Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: PUC-Rio. 2012.

198 STIGLITZ, J. BRICS bank is a fine idea whose time has come. **Financial Times**. 04 abr. 2012. STIGLITZ, J. et al. **A new World's new Development Bank**. Project-Syndicate. Mai. 2013. Disponível em: <https://www.ndb.int/publication/new-worlds-new-development-bank/>. Acesso em 24 jun. 2022.

desenvolvimento. Em vista do relatório dos nossos Ministros das Finanças, estamos satisfeitos com a constatação de que o estabelecimento de um novo Banco de Desenvolvimento é factível e viável. Nós concordamos em estabelecer um Novo Banco de Desenvolvimento. A contribuição inicial ao Banco deverá ser substancial e suficiente para que ele seja efetivo no financiamento à infraestrutura¹⁹⁹.

Prevendo o financiamento de projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável em países em desenvolvimento, seu intuito é complementar as funções do Banco Mundial. Ainda, ele foi planejado para permitir a inclusão de novos membros do Sul, mas manter seu controle pelos fundadores

A ideia inicial seria de este banco funcione como uma instituição de financiamento de obras de infraestrutura, com capital composto por contribuições de seus cinco membros criadores, Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, prevendo o financiamento de projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável em países em desenvolvimento, seu intuito é complementar as funções do Banco Mundial e do FMI, nas quais os países avançados já têm consolidada sua preponderância sobre os emergentes²⁰⁰.

A Declaração de E-Thekwini sinaliza com a possibilidade de extensão do benefício para não membros ou até mesmo a aceitação de novos membros entre os países emergentes, porém mantendo o controle de seus membros-fundadores, que determinaram que, em um primeiro momento, os investimentos sejam direcionados exclusivamente a obras em seus países²⁰¹.

A Cúpula de Fortaleza, em julho de 2014, à criação do Novo Banco do Desenvolvimento pode ser entendida como um importante passo na direção de uma maior institucionalização do BRICS, indicando que o grupo caminha rumo a um novo patamar de cooperação e institucionalização²⁰². O acordo que estabeleceu as linhas gerais da instituição em quatro artigos curtos iniciais, aos quais se segue um longo e detalhado Anexo, com cinquenta artigos, organizados em nove capítulos, com 22 páginas, seguindo o modelo básico de bancos de fomento multilaterais e regionais organizados desde o período de Bretton Woods²⁰³.

199 BRICS. **Fifth BRICS Summit**: Declaração de E-Thekwini. Durban, South Africa. 27 mar. 2013. Disponível em: <http://www.brics-info.org/fifth-brics-summit/>. Acesso em 23 jun. 2022.

200 CERVO, A. L.; LESSA, A. C. **O declínio: inserção internacional do Brasil (2011-2014)**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 57, n. 2, 2014. pp. 133-151. SILVA, A. L. R. **De Dilma a Bolsonaro**: as transformações matriciais na política externa Brasileira. Paper apresentado na ABRI. Belo Horizonte, 2019

201 MOREIRA JÚNIOR, H.; FIGUEIRA, M. S. **O Banco dos BRICS e os cenários de recomposição da ordem internacional**. Boletim Meridiano, 47, vol. 15, abr. 2014. pp. 54-62. SILVA, A. L. R. **De Dilma a Bolsonaro**: as transformações matriciais na política externa Brasileira. Paper apresentado na ABRI. Belo Horizonte, 2019

202 BATISTA JÚNIOR, P. N. BRICS: Novo Banco de Desenvolvimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 88, dez. 2016. pp. 179-184.

203 BRICS. **Agreement on the New Development Bank**. Fortaleza. Jul. 2015. Disponível em: <https://www.ndb.int/wp-content/themes/ndb/pdf/HQAgreement-EN.pdf>. Acesso em 26 jun. 2022. HUMPHREY, C. **Development revolution or**

Em eleição realizada de forma virtual em junho de 2020, o brasileiro Marcos Troyjo foi eleito para ocupar presidência do NBD para um mandato de 5 anos, com a missão de transformá-lo em novo Banco do Desenvolvimento Mundial, desvinculando-o do BRICS²⁰⁴.

2.4. BRICS E REDES DE INOVAÇÃO

A cúpula realizada na África do Sul, na cidade de Johannesburgo, em 2018 teve como tema “BRICS: Colaboração para o crescimento inclusivo e prosperidade compartilhada na 4ª Revolução Industrial”, onde se aprovou a criação da Rede de Inovação do BRICS, a iBRICS, em seguimento a decisão constante da Declaração da Cidade do Cabo de 10 de fevereiro de 2014, através da qual os ministros de Ciência e Tecnologia do BRICS comprometeram-se em um programa de cooperação na área²⁰⁵.

Até este momento, apesar de as discussões sobre Ciência, Tecnologia e Inovação apareçam nos discursos políticos, na prática, as ações que poderiam concretizar as intenções ainda são incipientes. Sem perder de vista o papel fundamental dos Estados e das políticas públicas como impulsores da ciência e tecnologia, existindo até então pouca cooperação e intercâmbio entre instituições acadêmicas, científicas e de pesquisa do BRICS²⁰⁶.

Neste encontro foram estabelecidos objetivos para a implementação em curto e médio prazo, a saber: a. Memorando de Entendimento em Pesquisa Colaborativa em Tecnologia de Registro Distribuído e Blockchain no Contexto do Desenvolvimento da Economia Digital; b. Redes de Parques Tecnológicos, Incubadoras de Empreendimentos Tecnológicos e Pequenas e Médias Empresas (iniciativa do Brasil); e c. Parceria do BRICS sobre a Nova Revolução Industrial²⁰⁷.

Na sequência, durante encontro de Ministros de Ciência e Tecnologia do bloco, ocorrida em 2019 na Cidade de Campinas, um dos destaques da agenda de encontros a criação de uma nova rede

Bretton Woods revisited? The prospects of the BRICS New Development Bank and the Asian Investment Bank. London, ODI. org, Working Paper 418. 2015. STEIL, B. **La Batalla de Bretton Woods:** John Maynard Heynes, Harry Dexter White y como se fraguó un nuevo orden mundial. Deusto. 539 p. 2016. [livro eletrônico].

204 MOREIRA, A. Troyjo assume banco dos BRICS e quer novos sócios. **Valor Econômico.** p. A4. 28 mai. 2020.

205 BRICS. **BRICS in Africa: Collaboration for Inclusive Growth and Shared Prosperity in the 4th Industrial Revolution.** Joanesburgo. 2018. Disponível em <http://www.dirco.gov.za/docs/2018/brics0726.pdf>. Acesso em 25 jun. 2022. KAHN, M. **A Cooperação dos BRICS na Ciência, Tecnologia e Inovação: Retórica e Realidades.** **Revista Contexto Internacional.** Rio de Janeiro, vol. 37, n. 1, 2015. pp. 185-213.

206 FERNANDES, L. et al. **Ciência, Tecnologia e Inovação nas cúpulas dos BRICS, de 2009 até hoje.** BRICS Policy Center: Centro de Estudos e Pesquisa BRICS. Rio de Janeiro: PUC Rio. Abr. 2013. pp. 1-5.

207 GROSSI, V. C. D. **O BRICS e as iniciativas em ciência, tecnologia, e inovação pós-cúpula de Joanesburgo.** **Novum Jus.** V. 14, n.1, 2020. pp. 137-164.

de inovação para parques tecnológicos, que servirá como mecanismo para diálogo direto entre os participantes dos ambientes de inovação do bloco, promovendo apoio mútuo, projetos conjuntos e compartilhamento de melhores práticas. O plano de implementação inclui dispositivos de capacitação, cooperação entre parques tecnológicos, incubadoras e aceleradoras, facilitação de entrada de empresas de alta tecnologia em países do bloco, e outras iniciativas para fortalecer o sistema de inovação do BRICS²⁰⁸.

Em 2018 foi estabelecida a rede Innovation BRICS Network (iBRICS Network), um mecanismo de diálogo direto, apoio mútuo, projetos conjuntos e intercâmbio das melhores práticas entre parques científicos e tecnológicos, incubadoras e aceleradoras de empresas de base tecnológica e outras organizações inovadoras dos países do BRICS²⁰⁹, atendendo aos preceitos do modelo revisitado de Uppsala²¹⁰.

Um exemplo de incremento nas redes de relacionamentos foi ainda o anúncio em 2019 que as associações de plataformas digitais de serviços financeiros (fintechs) do BRICS iniciaram um movimento de aproximação global. Segundo a ABFintechs (Associação Brasileira de Fintechs), as associações do setor nesses países assinaram um acordo na Índia, em um primeiro passo para uma futura aliança. O pacto foi firmado durante uma conferência de fintechs em Mumbai²¹¹.

Na cúpula de Brasília, em 2019 o documento final do encontro novamente destacou a a evolução da rede iBRICS e sua importância para o crescimento econômico:

Destacamos a importância de ciência, tecnologia e inovação (C,T&I) como um dos principais motores do crescimento econômico, assim como elemento chave para moldar o futuro de nossas sociedades. Saudamos os resultados da 7ª Reunião de Ministros de Ciência, Tecnologia e Inovação do BRICS, bem como as iniciativas de cooperação que têm fomentado a colaboração entre pesquisadores, jovens cientistas e órgãos governamentais e ajudado a aproximar nossos ecossistemas de inovação. Expressamos satisfação com os resultados alcançados pelo Plano de Ação de Inovação, bem como com a criação da Rede de Inovação do BRICS (iBRICS). Saudamos a Nova Arquitetura de C,T&I do BRICS destinada a racionalizar e intensificar atividades conjuntas de C,T&I, a serem implementadas por meio do Comitê Diretor de C,T&I do BRICS²¹².

208 BRASIL. **Ministério das Relações Exteriores. XI Cúpula do BRICS: Declaração de Brasília. Brasília. 2019. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/2019/declaracao-de-brasilia-11-cupula-do-brics. Acesso em 23 jun. 2022.**

209 FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO – FUNAG. **4th edition of the International Seminar on Science Diplomacy: BRICS Science Parks and Areas of Innovation. Brasília. Nov. 2018.**

210 JOHANSOS, J.; VAHLNE, J. E. **The Uppsala internationalization process model revisited.** Journal of International Business Studies. V. 40, 2009. pp. 1411-1431.

211 PONTES, P. M. M. A Índia no século XXI: desafios de uma potência em ascensão. In. FUNAG. **Cadernos de Política Exterior.** Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, v. 6, n. 9, ago. 2020. pp. 265-299.

212 BRASIL. **Ministério das Relações Exteriores. XI Cúpula do BRICS: Declaração de Brasília. Brasília. 2019. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/2019/declaracao-de-brasilia-11-cupula-do-brics . Acesso em 22 jun. 2022**

A inovação tem um forte componente na agenda militar e de modernização do BRICS, com tradições universitária e de aprendizado em pesquisa acadêmica estabelecidos em todos os países-membros. Segundo estimativas do FMI, no campo científico e tecnológico, os BRICS contribuem com 17% do investimento global em P&D e com 27% dos artigos científicos publicados nos periódicos internacionais²¹³.

O embate entra a China e EUA pela tecnologia 5G, onde os EUA têm feito campanha aberta contra a gigante chinesa Huawei, poderá ser um divisor de águas para iniciativas nas áreas de comunicação, informação e tecnologias digitais no bloco²¹⁴. O embaixador chinês em Brasília demonstra confiança na cooperação entre a China e Brasil neste tema: O Brasil “vai levar em conta o interesse no desenvolvimento do país quando analisar a proposta da Huawei, a posição do governo brasileiro em relação à gigante de tecnologia chinesa tem sido objetiva e racional em meio à campanha de “má fé e difamação” feita pelos Estados Unidos”²¹⁵.

O então chanceler Ernesto Araújo, crítico do globalismo e multilateralismo, selou seu ingresso no ministério em função da publicação em que contestava as proposições de nossa política externa, contestando o que chamou “eixo globalista China-Europa-esquerda americana”²¹⁶. A visão sobre as relações Brasil- China foram prejudicadas pelas acusações que pretendiam responsabilizar o governo chinês pela pandemia do COVID-19²¹⁷, chamando-o inclusive de coronavírus e/ou vírus chinês²¹⁸, enfraquecendo a posição brasileira e reforçando o movimento de deslocamento do protagonismo do grupo para a Rússia e China, iniciado ainda durante o Governo Dilma Rousseff²¹⁹.

213 **BRICS in Africa: Collaboration for Inclusive Growth and Shared Prosperity in the 4th Industrial Revolution.** Joanesburgo. 2018. Disponível em <http://www.dirco.gov.za/docs/2018/brics0726.pdf>. Acesso em 25 jun. 2022. KAHN, M. **A Cooperação dos BRICS na Ciência, Tecnologia e Inovação: Retórica e Realidades.** Revista Contexto Internacional. Rio de Janeiro, vol. 37, n. 1, 2015. pp. 185-213.

214 Em função da revelação de rede de espionagem da Agência Nacional de Segurança (NSA) a então presidente Dilma Rousseff pretendia acelerar o projeto *Brics Cable*, destinado a uma internet autônoma entre os países do BRICS. CERVO, A. L.; LESSA, A. C. **O declínio: inserção internacional do Brasil (2011-2014).** Revista Brasileira de Política Internacional, v. 57, n. 2, 2014. pp. 133-151. VIGEVANI, Tullo; CEPALUNI, Gabriel. **A política externa de Lula da Silva: a estratégia da autonomia pela diversificação.** Contexto internacional. 29(2): 273-335. 2007.

215 HQUEITZER, F. **Brasil, Huawei y Estados Unidos: um triângulo de lados excluyentes.** Universidad Nacional de La Plata. Boletín del Departamento de América Latina y El Caribedel, n. 73. Ago. 2020. MAURÍCIO, P.; ALMEIDA, R.; SOARES JÚNIOR, C. **Colonialismo digital à vista na guerra fria comercial entre EUA e China: o caso Huawei.** Belém: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. set. 2019.

216 ARAÚJO, E. H. F. **Trump e o ocidente.** Cadernos de Política Exterior. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais. Ano III, n. 6. Brasília: FUNAG, 2017, pp 323-357.

217 **BRASIL. Ministério da Justiça e da Segurança Pública. Instituto Nacional de Criminalística. Laudo de Perícia Criminal Federal n. 1242/2020 – INC/DITEC/PF. Brasília. 21 mai. 2020. 75 p.**

218 Movimento idêntico ao tomado pelo então presidente americano Donald Trump que passou a falar em “vírus da China” e seu secretário de Estado, Mike Pompeo, em “vírus de Wuhan” RODRIGUES, P. H. A; GERZSON, L. C. **A dimensão geopolítica da pandemia de coronavírus.** Physis, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, e300209, 2020.

219 CERVO, A. L.; LESSA, A. C. **O declínio: inserção internacional do Brasil (2011-2014).** Revista Brasileira de Política Internacional, v. 57, n. 2, 2014. pp. 133-151.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evolução do BRICS, até por sua informalidade, tem seu sucesso vinculado ao interesse do governo de plantão. Esse ponto não é relevante para a China e Rússia, onde a alternância de poder e a sucessão democrática constitui em uma ficção, ou ainda na África do Sul onde, apesar do respeito ao calendário eleitoral, o predomínio da CNA (Congresso Nacional Africano) é absoluto²²⁰. Esta estabilidade do poder não é repetida no Brasil e Índia. Enquanto nas eleições indianas reforçaram a liderança de Narendra Modi²²¹, no Brasil sagrou-se vitorioso um projeto oposicionista e antagônico aos governos petistas, constantes desde a consolidação do BRICS, excetuado pelo mandato Michel Temer.

Apesar da atração ideológica e religiosa do Governo Bolsonaro que prioriza suas relações externas para o eixo EUA²²², Israel e Ucrânia²²³, sua atuação tem sido marcada por grande pragmatismo, como podemos perceber na 11ª Cúpula do BRICS, ocorrida em 2019 em Brasília, quando o Presidente afirmou que o Brasil está de braços abertos para um ambiente de negócios mais profundo e diversificado no BRICS, além das tentativas de viabilizar um acordo comercial entre o Brasil e a China²²⁴, país em que o comércio bilateral teve crescimento de 44% no ano de 2021, alcançando US\$ 125 bilhões em negociações, principalmente em função de acordos e investimentos no setor agrícola²²⁵.

Ponderando que a aproximação brasileira via BRICS não impede, como ocorre com o MERCOSUL, a negociação de acordos bilaterais, e oferece ainda a construção de redes de relacionamento que podem favorecer a ampliação da participação das empresas brasileiras nos

220 LACERDA. T. S.; CARVALHO. R. F. G.; TEIXEIRA, R. C. O Apartheid na política internacional entre 1948 e 1994. **Conjuntura Internacional**. Belo Horizonte. v. 12, n. 3, 2015. pp. 178-184.

221 PONTES, P. M. M. A Índia no século XXI: desafios de uma potência em ascensão. In. FUNAG. **Cadernos de Política Exterior**. Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, v. 6, n. 9, ago. 2020. pp. 265-299.

222 A relação foi estabelecida em torno da figura do agora ex-presidente Donald Trump. E. H. F. **Trump e o ocidente**. Cadernos de Política Exterior. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais. Ano III, n. 6. Brasília: FUNAG, 2017, pp 323-357.

223 ABREU. V. V. S. **Perspectivas do (re)alinhamento diplomático do B dos BRICS para o mundo Árabe**. Porto Alegre: UFRGS. XXXI Salão de Iniciação Científica da UFRGS. 2019.

224 **BOLSONARO, J. M. Discurso na Sessão Plenária da 11ª Cúpula do BRICS. Brasília, 13 nov. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-encerramento-da-sessao-plenaria-da-xi-cupula-de-lideres-do-brics-palacio-itamaraty> . Acesso em 25 jun. 2022.**

225 BRASIL. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas. **Comércio bilateral Brasil-China cresce 44% e alcança US\$ 125 bilhões em negociações. 01 dez. 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38718&catid=4&Itemid=2. Acesso em 27 jun. 2022.**

mercados dos países-membros, nos resta torcer para que o pragmatismo comercial possa superar as convicções ideológicas do novo governo, principalmente agora, que um brasileiro comandará o NBD, facilitando o acesso a crédito para realização de investimentos em obras que possam desenvolver a ainda incipiente infraestrutura brasileira.

